

### **Episódio 3 - Título: Mulheres**

Voz Petra Fichtner: Sim, sim claro, foi muito, muita aventura sim, é verdade.

Voz Renata Nentwig: Yes it was. What else did we...? How long did we stay, one, two weeks? [Sim foi. O que mais fizemos...? Quanto tempo ficámos, uma, duas semanas?]

Petra: Yes, two weeks , I think [Sim, duas semanas, penso]

Renata: I tried to remember something else [Vou tentar lembrar-me de mais alguma coisa]

[Música: COME TOGETHER, dos Beatles]

Voz Isabel Mões: Sim, foi uma grande aventura, diz Petra à amiga Renata. E Renata pergunta, de que é que eu lembro mais? Ambas a compor fragmentos dessa primeira viagem a Portugal, em Maio de 1975. Ambas a reconstruir uma história, que passados quase 50 anos é uma história nova e será outra vez nova quando contada de novo. Contemos então, a história da primeira viagem a Portugal da estudante de humanidades, Petra Fichtner, 22 anos, natural de Nuremberg, Alemanha. Comecemos pela geografia.

[continuação da música anterior]

Voz Petra Fichtner: Tudo foi muito novo, primeiro eram estas curvas todas quando tu entras do norte, tu tivestes estas...ainda não havia muitas auto estradas e também não tiveste dinheiro para pagar tudo isso, e sempre tomas essas estradas normais, já foi assim, já foste cansada quando tu chegaste

Voz Isabel Mões: Depois a estranheza da língua

Voz Petra Fichtner: Mas as pessoas foram muito simpáticas, porque, bom, nesta altura quase não falei muito português, eu já podia dizer algumas frases mas não percebia a resposta [risos] Foi tudo com uma palavra, isto precisa de muito tempo para entender o português, assim. Mas eles já gostam que tu podes dizer algumas palavras, e...gostam de tudo. Claro que nós tínhamos a direcção de um desses imigrantes e podíamos ficar uma noite lá em casa do irmão, foi perto de Leiria.

Voz Isabel Mões: O corpo a chacoalhar de um lado para o outro, curva para a direita curva para a esquerda, outra vez para a direita, outra vez para a esquerda e de repente, numa dessas curvas, numa dessas estradas nacionais começam a aparecer, ao longe, pessoas em miniatura.

[som de vento, vai desaparecendo a música]

Voz Isabel Mões: O que é que as pessoas estão a fazer? Estão a ir de joelhos a Fátima, dizem-lhe. Incrível, ainda hoje vai lá mais gente que ao 1º de Maio, diz Petra. E a viagem seguia e pela janela estranhava os muitos animais puros que via na estrada, a quantidade de crianças, que se percebia que não iam à escola e as mulheres todas vestidas de preto. Mesmo que ainda não percebe-se quase nada de portugu~wa, sentia que as pessoas falavam uma língua de crianças, simples e com poucas palavras. Esta primeira viagem fez-se sobretudo à boleia, pontualmente de comboio, coisa para ter durado uns três, quatro dias, e teve apenas em Espanha, um sobressalto, um susto, com um condutor que queria mais do que dar boleia a duas jovens. Mas, ainda, em Espanha, ainda na Espanha de Franco, quando passaram no País Basco, podia se sentir que....

Voz Petra Fichtner: As pessoas foram cuidados [cuidadosas], não foram tão abertas porque havia muita luta, com armas, da Eta e de outros grupos, nesta altura na Espanha. E uma vez quando nós voltamos eu tive a direcção de um espanhol, já não me lembro, isto já é há tanto tempo, que queria visitar na cadeia, perto de Madrid, mas não deixam-me entrar, ya foi um preso político, mas não me lembro mais do nome, mas... nós sempre tentamos, de outros países, de suportar estas pessoas, para dar algumas coisas a eles, pelo menos, porque foram isolados também.

Voz Isabel Mões: Encontraram locais baratos para dormir e em Portugal pararam em Leiria, no tal contacto que Petra tinha, do irmão de um português que trabalhava na Alemanha, e que vivia com o seu namorado, numa comunidade com mais imigrantes portugueses. Foi por eles, por esses imigrantes, que Petra teve conhecimento do 25 de Abril. E depois de Leiria foi descendo, descendo e chega ao seu destino final, a herdade das Berbolegas, Alvalade do Sado, Santiago do Cacém. Chega à cooperativa de produção agropecuária Che Guevara de Alvalade, que tinha como símbolo a figura do revolucionário argentino. No distrito de Setúbal, dentro da zona da reforma agrária, constituíram-se, a partir de 1975, 61 cooperativas e 6 UCP- Unidades Colectivas de produção. No Concelho de Santiago do Cacém existiam 22 cooperativas e 1 UCP.

[Música: QUEREMOS A REFORMA AGRÁRIA, cante Alentejano]

Voz Isabel Mões [efeito megafone na voz, com a música anterior por trás da narração]

Cooperativa de Produção Agropecuária Fidel Castro, nas Fontainhas, Cooperativa de Produção Agropecuária Passos de Lenine de Alvalade, no Vale de Santiago, Cooperativa Agrícola de Produção Humberto Delgado, na Ameixa, Cooperativa Agrícola de Produção Ou Vai ou Racha, na Cordeira, Cooperativa Agrícola de Produção Várzea da Grande, Cooperativa Agrícola de Produção, Estrela da Liberdade, Cooperativa de Produção Agrícola 25 de Abril, na Herdade de Monte Espada, Cooperativa de Produção Agropecuária do Sul do Sado, Cooperativa de Produção Agropecuária União Faz a Força de Alvalade, Martinhamos....

[sobreposição de partes de nomes de cooperativas, com cante alentejano em fundo. No final ouvem-se só as vozes dos homens que cantam: “Queremos a reforma agrária, a terra a quem a trabalha, é por isso que lutamos”]

Voz Petra Fichtner: O meu namorado primeiro fez um curso, em Lisboa, de português, na universidade de Lisboa, ele fez um curso com outro amigo, que eles fizeram lá um curso de português e neste curso, conheceram pessoas que trabalhem também na cooperativa, que querem ir lá na cooperativa e por isso tiveram esse contacto e na próxima vez quando ele teve férias da universidade ele foi lá para viver dois, três meses na cooperativa. Quando eu fui a visitá-lo a primeira vez ele já lá tinha o meu carro. E só havia um trator que foi dado pelo partido comunista. Isto dava um grande problema, nós tínhamos, lá tinham um problema de transporte, tu podes tirar os tomates ou assim mas não podes transportar, para a cidade para os mercados grandes, porque não havia tratores, não haviam camiões e por isso eu deixei o meu carro, foi um carro um pouco mais grande eu deixei lá para algum tempo, para alguns meses, para eles podem, pelo menos transportar algumas coisas dentro do carro. Porque no início foi assim, que os grandes empresas que tinham estes camiões não suportem as cooperativas, foi um pouco como em Chile, fizeram greve contra isso, e por isso eles tinham esse problema, porque claro que os camponeses não tiveram carros, nem nada, foram muito pobres e por isso foi assim.

Voz Isabel Mões: O objectivo desta primeira viagem foi mesmo recuperar o carro, mas como ele continuava a ser muito necessário à cooperativa, Petra lá teve de regressar de novo à boleia. Um carro, um Alfa Combi, ainda por cima espaçoso, era um bem precioso e raro.

Também por causa desse problema, que era comum a outras cooperativas, a falta de meios de transporte, foi fundada por trabalhadores, no Concelho de Santiago do Cacém, em Maio de 1976, a primeira União das Cooperativas, que se chamava, União Cooperativa Seara Vermelha, de Alvalade, que juntou, num primeiro momento, dezoito explorações. Funcionava como um verdadeiro centro de operações, para compra e venda de produtos agrícolas, tinha até uma cooperativa de consumo para todos os associados, dava apoio contabilístico, técnico, e tinha um parque colectivo de máquinas que podiam ser emprestadas. Os tratores, escavadoras, camiões foram comprados, na sua maioria com fundos próprios, mas alguns oferecidos, por exemplo, pelo Fundo de Solidariedade do Comité de Paz e Cooperação da República Federal Alemã.

Voz Petra Fichtner: Eu não fiquei quatro semanas na cooperativa, talvez duas semanas e ya o que podes fazer, pequenas coisas assim do campo, não sei mais o que fazíamos, mas a maioria, as mulheres dizem o que podes fazer,mas também não foi fácil a comunicação porque nós não falámos, e muitos outros estrangeiros também não, pelo menos no início. Toda essa gente ajuda para fazer recolhas e fazer arroz, pôr o arroz, as plantas do arroz e essas coisas, que é muito duro. O trabalho lá no campo nesta altura estava muito dura [era um trabalho muito duro]. No início os militares também não sabem se estas cooperativas podem deixar fazer os camponeses [podem deixar os camponeses ocupar as terras] e isso, mas depois aceitam, mas foi sempre uma luta, sabes. De diferentes grupos da sociedade, claro, estes que querem guardar o velho sistema , os ricos e os meio ricos, os que pensam que são funcionários do velho sistema.

Manifestação pública contra a reforma agrária, um homem diz: Queremos manifestar, também, contra essas leis da reforma agrária e dos arrendamentos, leis que foram feitas pelo partido do senhor Cunhal e Vasco Gonçalves.

Outro homem grita: Fora com eles.

[multidão aplaude e grita: Fora com eles]

O primeiro homem que falou continua: Essas leis foram feitas para que os donos das terras sejam roubados por esses ladrões que as tomaram de assalto e depois seria o estado comunista que iria tomar conta delas.

[assobios]

[o homem continua] Essas duas leis, contra a vontade do povo, são contra a nossa vontade e é preciso acabar com elas já.

Multidão grita: Já, já, já

[multidão bate palmas]

Outro homem diz: O seu a seu dono.

[Música: O PATRÃO E NÓS, de Fausto]

Voz Isabel Mões: O seu a seu dono. Citação: Em 1975-76, na chamada zona da reforma agrária o número de postos de trabalho permanentes passaram de 11.100 para 44.100. Nas culturas de sequeiro a área passou de 85.000 mil hectares, antes da ocupação de terras, para 255.000 mil hectares depois da ocupação

[continuação da música anterior]

Voz Isabel Mões: Outubro de 1976. Ponto

O Bernard e o Peter como tinham automóvel ia frequentemente às outras aldeias de onde traziam os jornais. O Bernard estava admirado pelo ânimo leve com que muitos camaradas, tanto nesta como noutras cooperativas encaravam a nova lei do Lopes Cardoso sobre a reforma agrária. Os proprietários podiam agora pedir o direito de reserva, mesmo em terras abandonadas e de onde não retiravam o sustento. A maior parte dos camaradas portugueses tinha-lhes dito que a reforma agrária não podia parar. Bernard mostrou-me jornais recentes que noticiaram a devolução de terras aos velhos proprietários e onde aparecia a GNR. Podia ver-se claramente nas fotografias que os guardas estavam armados e até utilizavam um carro patrulha. Os camaradas portugueses queriam ver as fotografias, e queriam que lhes lesse o que estava escrito. O partido tinha explicado aos trabalhadores rurais das cooperativas atingidas que, segundo a nova situação legal, diferente da anterior a continuação do trabalho era ilegal, ao mesmo tempo que acalmava os camaradas com a promessa do governo de entregar 500 mil hectares de terra para cultivar em regime cooperativo.

[Som de animais e risos de pessoas]

Voz de Petra Fichtner: Lá ainda havia estas casas onde lavam a roupa e tudo isso, e isto foi bom porque eles foram lá em conjunto com as mulheres a lavar a roupa e a falar. E eu gosto dessas cenas porque tu podes sentir que... entendem que estava uma comunidade solidária. Não sei se as mulheres aprendem um pouco desta maneira de vida dos estrangeiros, porque, talvez percebam que não são sempre as mulheres que têm que fazer este trabalho da casa, sim. E eles não conhecem nada do mundo e para eles já foi incrível quando nós tomamos duche fora, eles tiveram um duche lá fora da casa. Nú, nós fizemos nú, mas eles foram chocados, isso não se faz, sabes, não se mostra, coisas dessas. Estava uma sociedade muito fechada, de uma maneira, muito estrita do moral. Nós só fizemos isso uma vez, penso eu, e depois já aceitamos ou fazemos quando eles não estavam lá, ninguém estava lá, porque aceitamos que para eles...eles ainda precisam de tempo para...por exemplo me perguntam de onde eu estou, e eu disse Alemanha e assim, de, Nuremberg, e eles dizem: onde está? Está perto da próxima aldeia? Porque toda a vida só foram lá, não conhecem mais do mundo, poucas pessoas foram fora da aldeia. Agora já não podes imaginar, mas por exemplo uma mulher e um homem não podem ficar sozinhos dentro de uma casa, já pensavam que tinham de casar-se e tudo isso, sabes, foi muito conservadora nesta altura, por isso, ya.

Voz Isabel Mões: Quando o rapaz e a rapariga gostavam um do outro, o rapaz ia pedir ao pai, da rapariga, autorização para namorar. O namoro durava dois anos, feito à porta de casa, o tempo para se fazer o enxoval da noiva. Quando tudo estava em ordem, o rapaz raptava a rapariga, geralmente à noite. Passavam a noite juntos e eram considerados casados. Segundo observou Jochen Maria Bustorff, enquanto estive na vizinha Estrela Vermelha, durante o ano de 1977, foram raptadas seis raparigas, quatro engravidaram logo a seguir e as suas idades andavam entre os catorze e os dezoito anos.

Voz Petra Fichtner:: E muito separado, sabes entre as mulheres e os homens. E os homens de um lado e as mulheres do outro lado. Os homens foram [estavam] sentados fora e as mulheres normalmente em casa. As mulheres fazem, fizeram o pão, plantem [plantam] o arroz, fazem... para mim fazem muito mais trabalho que os homens.

Depoimento de mulher trabalhadora alentejana: O trabalho das mulheres aqui no Alentejo é tal e qual como ao dos homens, ou ainda pior, porque as mulheres têm que trabalhar todo o dia juntamente com os homens e depois vão para casa e têm que tratar das coisas de casa, têm que tratar dos filhos, e os homens isso não fazem, estão descansados e no outro dia, a gente levanta-se e temos que tratar das coisas outra vez, tratar dos filhos, e vir aqui regar ao lado deles, trabalhar aqui, as oito horas. E é as 8 horas agora, que antes era do nascer

ao pôr. As 8 horas não há muitos anos que a gente cá temos. Dantes trabalhávamos do nascer ao por. E os homens têm mais descanso, eu cá na minha ideia acho que os homens têm mais descanso que as mulheres. Eles talvez não gostem que a gente diga isso, mas têm que se dizer a verdade [risos] E os trabalhados são tão custosos como os deles, porque a gente andamos sempre trabalhando ao lado deles, só limpar chaparros é que não vamos e carregar sacos também não vamos, mas de resto andamos sempre junto com eles.

[Música: TERESA TORGA, de José Afonso]

Voz Isabel Mões: 1 de Outubro de 1976. ponto

Ele tinha formado a comissão dos trabalhadores e até essa altura, eu nem sequer tinha reparado que ele aconselhava os outros a não dizerem nada às mulheres. Tratava-as como se fossem empregadas, para não dizer criadas. Certa noite aconselhou-me a não ligar ao que as mulheres diziam porque eram umas estúpidas e não percebiam nada de agricultura. A princípio, até queriam ganhar o mesmo que os homens. Era o que faltava. Já se viu uma coisa destas? A mulher a ganhar o mesmo que o homem! Eu respondi-lhe: Mas já não estás no fascismo! Que diabo de libertação é essa, em que o homem quer continuar a dominar a mulher? Isso não é liberdade nenhuma! Isso continua a ser repressão. Isso não é trabalho igual para salário igual. Ele respondeu-me: Não tens culpa de pensar assim. És de outra terra! Mas estamos em Portugal. Aqui tudo é diferente!

[continuação da música anterior]

Voz Isabel Mões: Mas as mulheres também fizeram valer a sua voz nas comissões de trabalhadores. Também limparam o mato, cavaram, plantaram, e ergueram cooperativas lado a lado com os homens. Organizaram trabalho rotativo para que uma pudesse ficar em casa a cuidar dos filhos de todas, contribuindo para isso com uma parcela do seu salário e mais tarde ajudaram a construir creches.

Reconstruíram cooperativas, como a Flor Alentejana em Alcácer do Sal, onde 11 mulheres compraram máquinas, cultivaram arroz, tomate, girassol e cereal. As mulheres estiveram na primeira linha das ocupações, decididas, e sem medo, e tentaram a todo o custo manter o que tinham conquistado.

Depoimento de Ana Ascensão Batista, uma ex. trabalhadora rural alentejana: Eles estavam de posse do poder, veio o 25 de Abril, graças a deus, as pessoas começaram a pensar, e houve trabalho e isso tudo e a gente começou a se desenlear, viram a gente e é lá, então vocês vão se adiantando. Já têm papa, já respondem, já querem direitos. Deixa estar que já

te ponho os direitos e pronto foi assim. Não podíamos fazer nada, mas acho-me culpada e acho-me culpada na mesma, ainda. Pois está claro. Eles tomaram conta da gente, o poder que a gente tinha, pronto, não era nada. Eles tinham as armas, eles só com armas é que trabalhavam, e a gente não, os nossos braços é que eram as armas da gente, a gente era para produzir e eles eram para o estragar. Pronto, tomaram conta da gente. A gente com o medo, começamos, começamos a recuar, a recuar. Fizemos muito, íamos à propriedade e o que a gente fez. Eles virem ali todos, com coisa, para matar. Ai deixem-nos que eles matem-nos e lá fugíamos. A guerra é assim, temos que fugir, mas depois tornamos a lutar, era assim que a gente fazia, mas não fomos capazes.

Voz Isabel Mões: Petra voltou a Portugal, ainda em 76 para a cooperativa e continuou a voltar ao longo dos anos, porque fez por cá amigos, como o Samuel e o Henrique, jovens portugueses, mais novos, que também estiveram nessa altura na Che Guevara. Quando passava por Lisboa ficava fascinada com as paredes vestidas de palavras e de desenhos, onde toda a gente tinha coisas para dizer. Aprendeu português porque queria perceber o que ia acontecendo. Essa tentativa de interpretar os acontecimentos vem de longe, do tempo da escola, e sempre foi para Petra imperioso discutir o presente mas também o passado.

Voz Petra Fichtner: Esta ideia que tu podes mudar o mundo já começa com dezasseis, dezassete anos. Fomos um grupo, também já na escola, que...fizemos um grupo que quer, que quer ver a história de uma maneira mais aberta, sabes, mais económica, também. Mostrar que as relações económicas tem a ver, também, com a história, porque muitas vezes são as grandes empresas que tomam influência nos políticos, até agora, é sempre isso. Porque na Alemanha, claro, ninguém quer falar sobre o tempo do nazismo, do Hitler porque os nossos pais ainda foram envolvidos e não querem fazer assim, sabes, e por isso nós fomos muito críticos, também com os nossos pais, porquê, não pode ser que não falem sobre isso, não queremos que isto aconteça mais uma vez, e por isso foi este grupo para mostrar que a história não são só os reis que fizeram isso, os grandes imperadores, não falam dos soldados, nem das mulheres, nem das pessoas da vida normal, é isso que nós queríamos saber, como foi nesta altura e também, como podia ser que os nossos pais não percebam que os nazis fizeram estes crimes.

[Música DIE EINHEITSFRONT, de Bertold Brecht]

Voz de Petra Fichtner. Petra Fichtner é filha de um comerciante de chapéus e por isso ainda hoje é o seu grande vício, e de uma ex - secretária, que abdica da profissão para tratar dos

filhos. Petra estudou política, pedagogia e sociologia e trabalhou em bibliotecas e durante dezassete anos, no Sindicato Verdi, que é destinado aos trabalhadores e trabalhadoras da função pública, de hospitais e das telecomunicações. Com a reforma ou sem reforma a luta continua.

[continuação da música]

Voz Petra Fichtner: Nós fazemos por exemplo seminários como podes falar melhor, representar os direitos que têm os trabalhadores e trabalhadoras e a igualdade [igualdade] no trabalho e tudo isso, para que podes ]possas] apresentar isso melhor, e lutar melhor para isso. Nós fazemos... damos as nossas ideias a outros, que estão nos conselhos dos trabalhadores na Alemanha. Eu agora faço isso só para esse grupo de mulheres, este grupo das mulheres que eu tive [tenho]. Mas nós claro que queremos ganhar mais jovens, mulheres mais jovens para ajudarmos, para também que lutem pelos seus direitos.

Voz Isabel Mões: Um grupo de mulheres do Sindicato Verdi esteve em Maio de 2024 em Beja, Baleizão e outras aldeias. Vieram saber um pouco mais sobre a revolução mas também ver como está o Alentejo hoje. Para isso falaram com activistas, professores, músicos, visionaram filmes e discutiram assuntos. Encontrei-me com elas à sombra das árvores no jardim do Centro Unesco em Beja. Ouviram atentamente o que Catarina, uma jovem activista de Beja, tinha para dizer. Discutiram sobre a situação das mulheres portuguesas antes da revolução, e trocaram experiências individuais da discriminação que também foram alvo nas fábricas da Alemanha na mesma altura, reconhecendo é claro o imenso privilégio da liberdade que possuíam. Discutiram as conquistas e dificuldades da reforma agrária, e de quem por vezes conta a sua história.

Voz Fritz Heuer: [a pessoa que organizou a vinda do grupo das mulheres ao Alentejo. Fala em alemão- Som de outras vozes por trás]

[tradução] E, e, e, e isso foi assim por anos. Menos, menos e menos. Sim, penso que foi uma tremenda conquista, ter que organizar tudo. Alguns falharam por causa das discussões e porventura também por terem tantos estrangeiros a ajudar, poderia haver mais caos, sim. Pode ter acontecido, mas sim, eles fizeram [trabalhadores da reforma agrária], não tiveram hipótese com a entrada [de Portugal] na CEE [Comunidade Económica Europeia], não há evidência para isto, mas com a entrada na CEE esta história [reforma agrária], tinha que acabar.

Voz Petra Fichtner: Eles dizem, que só as pessoas intelectuais podem escrever e os camponeses e assim todos foram analfabetos e por isso pensam que podia ser que, as lembranças que são escritas, destes que podem escrever, que são mais intelectuais ou do norte, pode ser que é diferente desta lembrança, que é mesmo a lembrança dos camponeses. Entenderam muito bem a situação, e também depois perguntaram: Porque é que não foi possível ter as cooperativas mais tempo, só estes três anos, mais ou menos. E, para mim, eu explico, que para mim, por causa... são tantas influências de fora da Europa, dos americanos, também dos europeus, que não dão mais dinheiro. Porque foi esta a discussão, se os estrangeiros podem ficar lá nas cooperativas e assim, começam a discutir isso. Mesmo que não tenha nada a ver, mas... eu penso que especialmente na Alemanha foi um grande medo do socialismo, mas também pensar que em Espanha ainda estava o Franco e também, na França não queriam uma Europa socialista.

Voz Isabel Mões: Ofereceram-me nesse encontro um pequeno conjunto de objectos, vários pins do 8 de Março, um caderno de apontamentos, e no meio deles um canivete roxo, como o dos alentejanos. Auto defesa em forma de porta chaves. Petra ofereceu-me um calendário, que começa em Abril. Tem na imagem Catarina Eufémia e está escrito em cada esquina uma amiga.

[Música: PORQUÊ, de José Fanhais]

Voz Petra Fichtner: É isso, e ainda hoje uma pequena parte da sociedade que é alerta disso, que se preocupa com isso, claro que agora temos grupos. Agora a discussão agora é com esta guerra com Israel, mas bom, vai ficar sempre difícil. Nós temos, também, como vocês têm o Chega, nós temos o AFD, que é também um partido nazi.

[continuação da música anterior]

Voz Petra Fichtner: Eu penso para mim assim, sempre vou lutar pela liberdade e pela liberdade ,pela igualdade, uma vida assim boa para todos, o que posso fazer eu faço.

Voz Isabel Mões: Com ou sem período revolucionário?

[risos]

Voz Renata: Pois, nem sempre têm que ser grandes coisas, as pequenas coisas também contam.

[continuação da música anterior, que vai desaparecendo]

Voz Petra Fichtner: Dormimos na praia, algum tempo. Coisas assim, que tu fazes nesta idade.

Voz Isabel Mões: Na Costa Alentejana, prá aí? Na Costa Alentejana

Voz Petra Fichtner: Sim [risos]. It was a wilde time [sim, foi uma época selvagem]

Voz Renata Nentwig: Yes it was a wilde time...